

## As manobras duma empresa exploradora

São várias as determinantes da crise de trabalho, mais de uma vez o temos referido. Se os leitores se dessem ao trabalho de folhear a coleção do nosso jornal não lhes seria difícil encontrarem explicadas quais são as causas fundamentais do fenómeno e quais são as causas particulares, não menos delicadas do que as primeiras.

Não seria fácil encontrarem no número das segundas as crises artificiais provocadas pelo industrialismo para defender uma situação de privilégio que umas segundas razões determinaram, ou para garantirem uma existência de fausto ameaçada de desaparecer.

Está neste caso, com grande flagráncia, a Parceria dos Vapores Lisboenses, a responsável por 865 chomeurs, a responsável pela fome de mais um milhão de pessoas. Esta empresa, concessionária do Estado para a exploração das docas e oficinas, viu há pouco mais dum ano terminado esse direito o qual passou por concurso para as mãos duma empresa.

Por esse facto a Parceria urdiu logo um plano bastante ruinoso para o operariado que tinha ao seu serviço, mas bastante útil para os seus desejos: provocar uma crise de trabalho, a fim de que esses 865 operários se lançassem contra o Estado em defesa da concessão que só interessa à empresa e que só a esta era conveniente. Não era preciso mais nada: só daremos trabalho quando for renovada a concessão de podermos explorar as docas e oficinas. E operariado vociferou contra o Estado, o causador da sua miséria o autor da sua ruína.

Apareceram alguns trabalhos, por sinal grandes, que a Parceria recusou. Não era desses trabalhos que precisava a Parceria. Não era essa solução que convinha a esses exploradores. E como não era esta a solução vá de regêit-los, vá de perpetuar a situação de miséria dos operários.

Não se vá inferir que nós estamos a defender o Estado duma investida da Parceria. Nada disso. O que estamos é a preservar os operários desse jôgo infame daquela empresa, a qual para vencer recorreu ao miserável papel de fazer do estômago dos operários escudo das flechas do Estado. Nada de comum temos nem queremos ter com o Estado que, como é sabido, está representado pelo governo do sr. António Maria da Silva de quem só temos recebido agravos e perseguições. Isso não impede que punhamos em claro as pretensões da Parceria, exactamente porque elas pretendendo visar o Estado só atingem os operários nos seus direitos. Depois sabendo-se que Alfredo da Silva se interessa porque se não rescinda o contrato para fazer parte da Parceria e sujeitar o seu pessoal ao regime caseiro que submete o pessoal operário da União Fabril, é bem fácil de calcular que a vida dos operários licenciados da Parceria dos Vapores Lisboenses não será melhor no futuro que se ambiciona.

Mas seja como for. Como o S. U. Metalúrgico de que fazem parte os atingidos pelos sinistros desejos da Parceria: não querendo nada de comum ter a concessão para a exploração das docas e oficinas, não consentiremos, todavia, que se ouse brincar com a miséria desses deserdados só para levar a água ao moim dos miseráveis interesses da Parceria.

E nada mais, por enquanto!

## As colónias para a Alemanha

LONDRES, 25.—O jornal liberal «Westminster Gazette», discutindo a hipótese duma reclamação alemã de mandatos coloniais, declara que os alemães podem livremente emigrar para a antiga África oriental alemã, que é hoje a colónia inglesa de Tanganyika, ou para a África ocidental alemã, anexada à União sul-africana, não sendo obrigados a naturalizarem-se. Se, contudo, por razões de prestígio, a Alemanha insistisse no pedido de territórios coloniais colocados sob a sua bandeira, o órgão liberal não hesita em propor que lhes seja dada uma parte do Togo e do Camarão, ou então alguns territórios portugueses, desde que Portugal o consentisse. O «Evening Standard», órgão de lord Beaverbrook, disse recentemente ainda, por seu turno, que o destino da África oriental e da África ocidental estava «mutuamente definido», mas que se poderia discutir a respeito do Togo e do Camarão, «que são em grande parte mandatos franceses».

Ler a revista gráfica RENOVAÇÃO

## Notas & Comentários

Falta de originalidade

O órgão da I. S. V., muito pobrezinho de mentalidade no que respeita a matéria de redacção e, em cada número, quasi exclusivamente cheio com artigos traduzidos de jornais estrangeiros da sua índole. Esses artigos traduzidos, a pesar de discordarmos da sua doutrina, são entretanto suportáveis. Porém, a matéria original, escrita e meditada pela redacção, quasi toda ela dedicada à Batalha e à C. G. T.—tanta honra!—é uma verdadeira desgraça. Consta dum jôgo malabar de palavras que seria curioso se os artistas fossem brilhantes. E' tanto grande a falta de originalidade que para nos atacar plagia indecorosamente o órgão das forças vivas. Como ele, dizia também num adrovel tom de desprêzo: «... o chamado porta-voz da organização operária...»

Acaso o jornal adverso não saberá occupar-se de assuntos de interesse operário, como a crise de trabalho, instrução, questões de salários, luta contra o capitalismo? Parece que não. Ele occupa-se tanto de nós...

Os tabacos

O século iniciou ontem outra patriótica e desinteressada campanha... Começou a interessar-se desinteressadamente pela questão dos tabacos... Aquella preocupação em tratar deste magno assunto em artigos tão grandes como os que inseria quando atacava Nuno Simões e Pinto de Lima deve ter um significado qualquer. Nuno Simões tem na questão dos tabacos interesses antagonísticos aos da casa Burnay—o século conseguiu metê-lo na cadeia. Pinto de Lima que é uma das criaturas que melhor conhecem desta questão—também o século mandou prender. Esta gazeta sabe muito bem em que oportunidade deve lançar as suas campanhas altruístas...

Os prejudicados

Os pequenos são sempre prejudicados. Os grandes têm sempre sorte mesmo na adversidade. Os empregados do Banco de Angola e Metrópole e da casa Alves Reis, Ltd., estão numa situação crítica que não pode persistir. Não foram despidos. Nem o governo, nem o juiz investigador, nem qualquer outra entidade oficial quis saber mais das dificuldades desses empregados, que não têm culpa de que tivessem havido uma burla de notas, e esperam há dois meses que seus ordenados sejam liquidados. Tanto a firma Alves Reis, Ltd., como o Banco de Angola e Metrópole possuem fundos bastantes para liquidar as suas contas com os empregados que os serviam. Os ordenados de quem trabalha são sagrados. Admitindo que seja feita a liquidação dos bens do Banco de Angola e Metrópole, tem de deduzir-se a importância dos ordenados do pessoal. Essa importância é d'ele—ganhou-a trabalhando.

## O conflito sino-russo

PEQUIM, 25.—Tchitcherine enviou um ultimatum a Tuan-Shi-Jui exigindo o restabelecimento da ordem na Manchúria dentro de três dias, a execução dos tratados e a libertação do director soviético do caminho de ferro do Leste. O ultimatum concluiu dizendo que se o governo chinês se considerava incapaz de satisfazer qualquer pedido deve conceder à Rússia a liberdade de restabelecer a ordem e proteger os interesses dos dois países na Manchúria.

Ivanoff em liberdade

PEQUIM, 25.—O consul geral dos soviets nesta cidade telegrafou ao embaixador da Rússia, Karakhan, que o marechal Chang Tse Lin deu já ordem para o sr. Ivanoff, director do caminho de ferro da China Oriental, ser posto em liberdade, bem como todos os empregados e operários soviéticos que tinham sido presos em Kharbine.

Parece que os chineses assumem atitudes hostis

PEQUIM, 25.—Outros telegramas oficiais não se referem à libertação do sr. Ivanoff, mas contam que o secretário soviético dos caminhos de ferro declarou que se os chineses não otimizarem ao ultimatum dos soviets, as tropas vermelhas se apossariam do caminho de ferro. A dar crédito a um telegrama particular, os chineses prepararam-se para se opor à passagem das tropas vermelhas e que as autoridades chinesas cercaram na sexta-feira à noite o consulado geral dos soviets em Kharbine, onde passaram uma busca e apreenderam grande quantidade de armas e documentos.

## Lá e cá...

BUDAPEST, 25.—O procurador geral recebeu dos funcionários franceses encarregados de inquirir sobre o escândalo das notas falsas do Banco de França um questionário com 30 palavras relativas a quatro objectos principais.

Os interrogatórios correspondentes serão feitos segundo uma lista junta ao questionário.

## As dívidas russas

PARIS, 25.—A delegação soviética para a regulamentação do problema das antigas dívidas russas, chega a Paris, no decurso da presente semana. A delegação será constituída pelos srs. Scheiman, director do Banco de Estado, de Moscú; Stomoniakof e Bheingald, financeiros; Tchelenof, secretário, e Rakowski, presidente.

## A Rússia e Sociedade das Nações

GENOVA, 25.—O ministro soviético dos negócios estrangeiros respondendo ao convite que pela Sociedade das Nações lhe foi dirigido para participar da Conferência Económica Internacional, declara aderir genericamente à mesma Conferência desde que ela se realize fora do território suíço. Tchitcherine nega ainda à Sociedade das Nações capacidade para resolver as questões políticas.

## “O Século” ataca uns ladrões para encobrir outros ladrões

Dissemos há dias que o dr. Alves Ferreira está pautando a orientação das investigações do caso Angola e Metrópole pelas indicações suspeitas do jornal O Século. Vangloria-se este de conseguir obter tudo quanto deseja. Tem razão para vangloriar-se. Ele indica as prisões a fazer, as diligências a efectuar—e o dr. Alves Ferreira manda prender, manda investigar em harmonia com as indicações que recebe.

O Século gritou: «E' preciso prender o Nunolo» e o dr. Alves Ferreira prendeu-o. «Queremos Pinto de Lima na cadeia!»—gritou o órgão das forças vivas. E o austero investigador meteu-o na cadeia. «Ponham António Bandeira a ferros!» E António Bandeira está preso.

Inocência Camacho, Mota Gomes, o tesoureiro Lupi e outros cavalheiros espiatíssimos do Banco de Portugal não foram ainda parar ao calabouço de qualquer esquadra porque a esses não acusa O Século—encobre-os.

Deu-se no Banco de Portugal um desfalque de 44.000 contos, praticado pelo tesoureiro Lupi, a favor de vários Bancos. O caso é do conhecimento do secretário geral daquele estabelecimento de crédito. Foi publicamente denunciado pela imprensa. Mas nem o governo, nem o parlamento, nem o austero investigador se deram à curiosidade de mandar verificar se a acusação seria verdadeira.

E entretanto, sabe-se que a casa José Augusto Dias apANHOU à sua parte, no bodo distribuído pelo tesoureiro Lupi, do Banco de Portugal, nada mais nada menos de 19.000 contos; a casa PIANO, 14.000 contos; a Augustino, 6.000 contos; o Banco Português e Brasileiro, 5.000. Tudo isto somado prefaz os 44.000 contos do desfalque por nós desmascarados.

As casas bancárias que aproveitaram do farto bodo do sr. Lupi encontram-se em más condições. Se as obrigassem a restituir o que indevidamente receberam ou melhor deixaram, por complacência do sr. Lupi, de pagar ao Banco de Portugal, só por milagre em que não acreditamos escapariam da falência.

Lupi também não possui bens próprios que garantam tão grande quantia. Este é sócio da casa Augusto Jorge, Ltd., que tem um passivo de 1.500 contos.

Ora O Século, a despeito da sua furiosa preocupação de justiça... para os ladrões inimigos é duma condescendência verdadeiramente tocante para com os ladrões amigos.

Não toca no Banco de Portugal. E ele sabe, afinal, que este descredibilíssimo estabelecimento de crédito, que anda aterrado com a campanha da Batalha, desde há muitos anos vem sendo rijamente combatido pela sua criminosa administração.

Reproduzindo um discurso do deputado Aquiles Gonçalves, no parlamento, publicava-se no Século de 20 de Julho de 1911:

«Por agora basta dizer que, nas conversas familiares e íntimas, não falta quem diga que certo director do Banco se recusa sistematicamente a fazer descontos a seis por cento, mas que depois, particularmente, os faz a oito por cento e com dinheiro levantado pelo mesmo Banco!»

O Banco de Portugal já era assim em 1911! Mas, não compreendemos porque, tanto naquela época—1911—como presentemente—1926—os poderes públicos nunca curaram de saber pormenorizadamente da conduta dos que administram o Banco de Portugal.

Sabemos que além dos factos que já vieram a público trazidos por nós, em vários artigos, e revelados no parlamento pelo dr. Amâncio de Alpoim, outros factos graves, tão ou mais graves do que a burla das notas tipo «Vasco da Gama», se produziram dentro daquele estabelecimento financeiro.

Não estamos, por enquanto, autorizados a fazer uso dos informes que nos forneceram, sob a promessa do maior sigilo. Entretanto, as revelações que nos fizeram são tão graves, tão claras, tão positivas, que nos dão a força moral formidável de que dispomos para flagelar os criminosos do Banco de Portugal.

O Século, porém, tão desinteressado, tão arguto nas suas campanhas ignora os crimes do Banco de Portugal...

Felizmente, tempos desmascarados com argumentos claros e com o relato de factos incontestáveis os maneios do Século e os da gentilha que a sua sombra se acolhe. O povo sabe onde está a verdade, sabe onde estão os ladrões. Que proceda quando puder e como puder.

## CARTA DO PORTO

## O epílogo dum drama de sangue originário em preconceitos impostos por uma civilização decrépita

Com a condenação de Ana Teixeira a cinco anos e meio de degrado em possessão de 1.ª classe, terminou o 2.º acto duma grande tragédia.

Este drama, tinto de sangue, celebrizou-se, devido à circunstância de alvorçar fundamentalmente o espírito feminino. Ana Teixeira, ferida no seu ciúme conjugal, assassinou, a tiro, a amante de seu marido, cuja mancebia se desenrolava numa casa da rua de Camões.

O gesto tresloucado da desforrante Ana Teixeira caiu, entusiasticamente, no agrado das mulheres, principalmente das casadas. Ana Teixeira foi divinizada, proclamada a heroica vingadora das esposas traídas...

Estas manifestações de aplauso ao exterminio das amantes de maridos pouco «cumpridores» dos seus «deveres» para com o lar, repetiram-se, emocionadamente, por ocasião do julgamento da infeliz protagonista, acusada de matadora—repetiram-se no tribunal e na rua, onde se conglomeraram centenas de mulheres de todas as categorias sociais.

Não nos referiríamos a estes episódios melodramáticos, por muitos considerados matéria banal, se eles não nos revelassem um desolador estado psicológico e ético a denunciar, tristemente, o atraso semi-selvagem para onde os preconceitos impostos por uma falsa moral social nos arrastaram...

Tudo aquilo não passou duma lamentável propaganda a favor do desenvolvimento do ódio, da desconfiança, dos apetites de vinganças de amor... à superfície...

Enquanto o falatório feminino santificava, nos claustros do tribunal, a acção sanguinária de Ana Teixeira—entre muitos homens circulava esta dúvida pungente: «Quem sabe se algumas destas que estão a favor de Ana Teixeira, não vão logo traír os seus maridos?»

Não somos contra a mulher para defendermos o nosso sexo masculino. Entendemos que tanto o homem como a mulher são vítimas das presentes fórmulas duma educação viciada.

Podemos nos dizer que os casos como o que estamos discutindo, são devidos à falta de respeito que existe, não só do homem para com a mulher, mas também da mulher para com o próprio homem e da mulher para com a própria mulher. Este esquecimento de que o raio lhes pode cair em casa, traz nas suas desgraçadas consequências o desequilíbrio na harmonia familiar que nos leva ao desespero...

Vistas as coisas assim de relance, assim parece ser. Mas indo ao fundo do problema, outras razões nos surgem mais plausíveis.

Actualmente, a união de dois seres de sexo diferente é baseada, na generalidade, mais nos interesses materiais, do que nos morais: é um negócio, mal ou bem efectuada. Sendo assim, o amor conjugal já vai de princípio prostituído, em germe dissolutório—cuja dissolução se completa à medida que se vai conhecendo o pouco resultado da operação do contrato, pelas possibilidades de se ter podido conseguir outro melhor.

Que se ensina hoje em caseira disciplina

de «filosofia» amorosa, de «economia» matrimonial para os filhos? Que as raparigas se arrumem o mais depressa possível, tendo sempre em conta que elas devem casar aqueles que melhor as mantiverem sob os múltiplos aspectos da manutenção físico-cariocriosa—e com pouco trabalho, como lei do menor esforço. Ora isto dá-se em todas as escalas hierárquicas. E' o amor às léguas que nos conduz mais vertiginosamente ao fim da viagem: ao aborrecimento...

O que se dá com o ensino das raparigas, dá-se com a moral pregada, em ordem equivalente, aos moços—que depois, mercê da corrupção moral em que vivemos, degeneram ainda mais os seus sentimentos na vontade de enxovalhar a mulher, comprometida ou não...

Segundo a nossa leiga interpretação conjugal deriva de conjugar, fazendo uma conjunção. Ora uma conjunção verdadeira, firme, não é uma compra, não é um objecto de posse, uma mercadoria que se maneja à vontade do freguês: é um acórdio moral entre indivíduos para fins identicos e não entre dois com... tratantes para se burlarem...

Assim, o amor conjugal deve ser uma conjunção moral, livre, entre dois seres de sexos diferentes que satisfaça as suas necessidades fisiológico-espirituais.

A autentica legalização desta conjunção amorosa encontra-se na afectividade que espontaneamente se desenvolve entre esses dois seres que se observam sentimental e intelectualmente—e não na rapidez com que se efectua um contrato matrimonial combinado, no adro da igreja ou nas salas do registo civil, por uma questão de interesse material...

Desde que a sociedade capitalista e estatal seja transformada por uma outra cujos fundamentos estejam no auxílio mutuo de todos os indivíduos trabalhando utilmente para toda a comunidade sem excepção; desde que o ensino moral e intelectual tenha por compêndio as normas racionalistas, desenvolvendo-nos o respeito recíproco pelos direitos da família humana, individual e colectiva; desde que o lar se alicerce livremente no amor saído de um sentimento alargado por uma inteligência cultivada, e não nos códigos de falsos princípios morais—esse lar será de difficilissima destruição—os casos de Ana Teixeira não terão razão de ser, como razão de ser não terão as manifestações feministas pelo assassinato das amantes dos «maridos», como razão de ser não terão também os homens em pronunciar ditos sobre a infidelidade das mulheres...

A educação e a instrução, a eliminação do espírito mercantilista actual pelo espírito de solidariedade futura, que colocará os bens artificiais e naturais na garantia de todos terem o direito à vida—modificarão radicalmente o aspecto ético, social, económico e político dos agregados humanos... Não haverá prostitutas—não haverá necessidade de vender o corpo, porque o talher estará, no banquete da vida, assegurado a toda a gente. O que haverá é uma afectividade inteligentemente cultivada.

C. V. S.

## O que ocorreu na segunda sessão do Congresso dos Sindicatos Parisienses

A segunda sessão do Congresso dos Sindicatos Operários do Sena efectuou-se no domingo, 17 do corrente. Depois de confirmada a aprovação do relatório da União Departamental, iniciou-se uma larga discussão sobre a unidade sindical.

A tese apresentada por Doyen emite o voto de que a unidade se realize entre as duas C. G. T., a fim de defender melhor as oito horas e melhorar a situação do operariado. A acção dos comités da unidade, disse ainda, pode concorrer para se unirem todos os organismos filiados nas duas C. G. T.

Em volta deste princípio se estabeleceu a discussão. Os chefes reformistas foram acusados de procurarem impedir a unidade, embaraçando a fusão de reformistas e vermelhos. Por fim, foi a tese aprovada por unanimidade.

A propaganda entre os operários foi objecto de curtas apreciações.

Maria Bréant, na sua tese, demonstrou a importância da mulher nas greves, na organização sindical e na propaganda revolucionária. Em seguida, foram aprovadas as resoluções já tomadas na conferência feminina que se realizou em Janeiro do ano passado.

Discutiu-se a situação dos operários estrangeiros. Segundo a tese apresentada, existem actualmente na região parisiense cerca de 700.000 operários estrangeiros. A imigração é uma excelente arma para o patronato ameaçar os salários. Por isso, ajudado pela imprensa, favorece a actual situação europeia agrava essa concorrência: há 400.000 operários italianos, mais de 30.000 espanhóis, 35.000 húngaros, 5.000 iugoslavos, três a quatro mil búlgaros, 12.000 checos, 8.000 ucranianos, e perto de 10.000 arménios. Não se conta já o incalculável número de operários chineses, polacos, austríacos e russos. Todos estes operários se espalham por todos os locais de trabalho, na indústria e no comércio.

Tem-se feito sentir a necessidade de fazer ingressar todos os operários estrangeiros nos sindicatos, pois que o inimigo, em toda a parte, é o capitalismo. Quando os operários franceses fazem greve, é certo que os patrões os forçam ao «chômager», admitindo operários estrangeiros.

O congresso decidiu, finalmente, que esta questão fosse apresentada às assembleias de todos os sindicatos.

Foi aprovada uma moção dos delegados dos operários de tabacos, a qual emite o voto de que sejam abolidos, tanto os monopólios dos tabacos como todos os outros, mas defendendo o princípio reformista da nacionalização da indústria.

Foram também aprovadas medidas várias contra o ingresso de operários fascistas ou anti-sindicalistas nos sindicatos, a fim de defender estes de qualquer ameaça.

Discutiu-se a conveniência de reforçar os sindicatos. Não se chegou, porém, a deliberações por se haver adiantado a hora, sendo encerrada a sessão. Os trabalhos deste congresso devem prosseguir hoje, 24.

## O conflito académico

Reunião dos corpos gerentes do Grémio Técnico Português

Afim de apreciarem o actual conflito académico reuniram-se os corpos gerentes do Grémio Técnico Português. Nessa reunião protestou-se contra a atitude dos alunos do Instituto Superior Técnico, acolitados pelos engenheiros católicos da Associação dos Engenheiros Civis, que procuram o ensejo para defender o mais injusto dos privilégios como seja a monopolização do vocabulário «engenheiro» para uso exclusivo dos que estudam engenharia naquela escola.

Se tal princípio fosse reconhecido as outras escolas de engenharia, que são os Institutos Industriais do país, por onde se formam engenheiros perfeitamente comparáveis a quaisquer outros, ficariam sem poder usar a designação que lhes compete.

Protestou-se contra o facto de se pretender considerar como título um vocabulário que indica uma profissão genérica, quando título só deve e pode considerar-se o diploma escolar, que qualquer que seja o engenheiro em todos os países há escolas de engenharia de grau superior e médio, sendo indistintamente engenheiros os que se diplomam por qualquer delas.

Resolveu-se também apoiar o movimento de protesto dos alunos dos Institutos Industriais e considerar-se em sessão permanente, fazendo do caso uma questão de direito natural e reconhecido que tem de garantir o direito à conquista das profissões liberais, não só aos filhos das classes burguesas, mas também, aos das classes média e operária, que são geralmente os que por falta de meios só podem frequentar as escolas técnicas de ensino médio, cujos cursos conduzem no entanto à mesma finalidade de profissional.

Em vista destas resoluções o Grémio vai iniciar esta semana as demarches necessárias para a defesa de direitos legítimos ameaçados.

## O analfabetismo em França

PARIS, 25.—O ministro da Instrução Daladier apresentou ao Parlamento uma proposta de lei, aprovada em conselho de ministros, estabelecendo a assistência escolar obrigatória a todas as crianças até à idade de 13 anos.

Daladier declarou que o número dos analfabetos se eleva em França a 20 por cento da sua população.

## As pretensões fascistas

ROMA, 25.—Os jornais italianos comentando as demonstrações realizadas em Berlim e Viena contra a Itália pedem ao governo que intervenha a fim de se obter a cessação das campanhas levantadas por vários jornais estrangeiros.

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

## OS «TAXIS»

## Antes do Carnaval circularão em Lisboa mais dez carros adquiridos por uma nova cooperativa

Lisboa é hoje um centro cosmopolita onde o «taxi» prolifera a olhos vistos. Raros são os automóveis de praça, poucos são os trens de aluguer que não ostentam uma caixinha a que se convencionou chamar taxímetro e que serve para marcar o preço da corrida, feito de harmonia com os quilómetros vencidos. E' tal o furor taximétrico, que, segundo nos segredam, os moços de frêtes vão também usar o seu taxímetro, a fim de revolucionarem os serviços que lhes estão adstritos...

A juntar aos já existentes, Lisboa vai possuir mais 10 automóveis-taxímetros, marca «Le Zebre», adquiridos pela «Cooperativa dos Condutores de Automóveis A Lusitana», sociedade cooperativista criada por um grupo de chauffeurs muito conhecidos na praça.

Reconhecido o interesse público da iniciativa destes rapazes, procurámos um dos elementos daquela cooperativa para que nos desse os seus leitores de A Batalha as vantagens deste empreendimento.

A missão não foi difícil. No Avenida Café, quando era maior o seu bulício, lá fomos encontrar confundido com a frequência o nosso entrevistado, António dos Reis Júnior, entusiástico organizador da novel cooperativa.

Frase sacramental disparada à queima roupa e António Reis Júnior esquivava-se aos nossos desejos:

—Que não, que não era ele o elemento mais autorizado a falar aos jornais...

Mas o ensejo era admirável. Perdê-lo equivaleria a uma falta. Impertinência do jornalista e o estimado chauffeur aquiesce à entrevista, a qual foi assim iniciada:

—A organização de duas cooperativas numa classe pequena como é a dos chauffeurs, dá sempre motivos a várias conjecturas. Para que elas não sejam feitas erradamente, convém esclarecer que as mesmas razões que scindiram a classe dentro do seu organismo sindical são exactamente as mesmas que evitaram que todos os chauffeurs se agrupassem na mesma cooperativa.

—De forma que a Cooperativa A Lusitana...

—Sim, a sociedade cooperativa de que eu e um grupo de chauffeurs fazemos parte foi criada com o mesmo objectivo de aquela que é proprietária dos « Citroëns»: emancipar os chauffeurs da tutela patronal e beneficiar o público com um melhor serviço de automóveis.

«Convém fazer que, apesar da falta de entendimento entre os chauffeurs da Lusitana e da Lusitana, não temos o menor propósito de guerrear aqueles ou combater a sua organização. Ambicionamos apenas criar condições de vida, e dentro desse pensamento que trabalhamos.

—Quando são postos em circulação os vossos carros?

—Não posso ainda precisar o dia. Todavia posso informá-lo que no dia 2 de Fevereiro saem de Paris os 10 carros que adquirimos. Antes do Carnaval contámos pôr em circulação os novos «taxis», que como já ficou dito são da marca «Le Zebre», muito sólidos e de comodidade incomparável.

E' bom lembrar que se respeitará a tabela camarária, cujas condições o vosso jornal mais dum vez já publicou.

Como Lisboa tem actualmente em circulação cerca de 200 automóveis-taxímetros, quizeamos saber como esperam ser recebidos pelo público os proprietários dos «Le Zebre». O nosso colocator vai-nos explicando.

—Apesar de Lisboa, por vezes, nos dar a impressão de que está enxada de «taxis», devo advertir que os que estão em circulação não chegam para as necessidades da população dos automóveis, a qual, como sabe, aumenta à medida que são beneficiados os respectivos serviços.

«Depois havemos de convir que, quando estivermos na praça, apenas ficarem em campo duas organizações com valor moral para se impor: a proprietária dos «Citroëns» e a de «Le Zebre». As outras, proprietárias dos carros, não terão autoridade moral para se imporem...

—Quais as razões?

O nosso entrevistado não quis responder. Disse-nos que não tinha o direito de fazer uma denuncia, para explicar essas razões.

Em sua substituição falou um outro chauffeur, moço ainda, o qual, com vivacidade, nos foi dizendo:

—Não têm autoridade moral, porque são eles os proprietários dos carros que ontem estavam na praça e que não faziam por menos de 4\$00 cada quilómetro; não têm autoridade moral, porque ainda não há muitos dias, além de outras infracções, um freguês quando chegou ao terminus da corrida pagou trinta e tal escudos quando devia ter pago apenas 16\$00, que era quanto acusava o taxímetro!

Outros chauffeurs confirmaram esta declaração, e António Reis Júnior reatou as suas considerações:

—De forma que tudo nos indica que os nossos carros serão os preferidos—e que o futuro pertencerá aos «taxis» de duas cooperativas de chauffeurs. E pertencer-lhe-á porque a nossa coopera o caso de ingratidão bem severo para o caso de ingratidão dos chauffeurs. Basta apenas comunicar à cooperativa essa infração e o seu autor será punido como determina esse regulamento.

«Aliado a essa disciplina temos as condições vantajosas dos novos carros. Por isso só devemos esperar do público, tão bom e generoso como é, um franco acolhimento.

A fechar a entrevista:

—Podemos já asseverar que esse acolhimento será muito lisonjeiro. Ainda cá não estão os carros e já para a garagem «Monumental», onde eles serão recolhidos, se fazem constantes pedidos como se de facto em Lisboa já circularassem os «Le Zebres».

## ASSINEM Os mistérios do Porto



## A comédia das organizações operárias nos Estados Unidos

Em geral, em todos os países as organizações operárias não somente se mostram sempre dispostas a admitir novos sócios, mas até facilitam, e incitam, na maioria dos casos, os operários do mesmo ofício, a que delas façam parte.

Na América sucede o contrário. Dificulta-se a entrada nas organizações de classe, exigindo-se cotas elevadíssimas, que muitas vezes não estão ao alcance da bolsa dos proletários.

A explicação disto está em que as organizações operárias — também contaminadas pela sede do ouro — logo que chegam a adquirir um contrato de trabalho com salários regulares, vêem um perigo no ingresso de novos sócios, que pela abundância de braços lhes podem prejudicar os privilégios. Nos países pobres, já se tem visto em ocasiões de crise os operários repartirem entre si o trabalho, para que todos comam um pedaço de pão, mas nos Estados Unidos a pesar da existência de grandes federações e gigantescas organizações, é onde, realmente, há menos associação entre os trabalhadores.

Os operários estão em poder de certos «leaders» conservadores, que recebem chorados ordenados, dispõem dos dinheiros das associações como de coisa sua e impedem toda a acção e propaganda revolucionária. Conta-se a este propósito que numa assembleia do «Centro dos Operários Livres» de Nova York, o presidente se dirigiu, no final do seu discurso, aos indivíduos presentes perguntando-lhes se tinham alguma objecção a fazer-lhe. Como um operário lhe pedisse para o informar sobre o que tinha sido feito de 5.000 dólares votados para um determinado assunto, ele saiu do seu lugar e, agredindo a sócio o inquiridor, perguntando muito descaradamente a restante assembleia se «tinham mais qualquer pergunta a fazer-lhe».

São estas as consequências da tática daqueles que desejando dar satisfações às críticas «neutralistas» dos políticos aspirantes ao governo, receiam, e até contrariam por espírito de coerência, a propaganda dentro dos organismos operários daqueles princípios filosóficos e revolucionários, sem o conhecimento dos quais a classe trabalhadora jamais se emancipará pelo seu esforço próprio, e será sempre um joguete nas mãos dos velhos que tenham a habilidade de lhes captar a confiança.

## GIMNASIO

Silvestre Alegria é aplaudido todas as noites neste teatro, onde na «Tia Andreza» interpreta a humorística figura do gago galã.

## Um grandioso triunfo dos mineiros cósicos

As condições de trabalho nas minas de prata de San Polo, Corsega, eram até há pouco muito primitivas. Os salários não chegavam para as mais modestas necessidades dos mineiros, que, ainda assim, tinham de trabalhar enquanto o patrão mandasse.

Ultimamente, os mineiros de San Polo organizaram o seu sindicato e apresentaram logo, ao patronato, as suas reivindicações: adopção do dia normal de oito horas de trabalho e aumento dos salários.

Os patrões não responderam, nem se mostraram dispostos a incomodarem-se com uma simples entrevista. Certa manhã, porém, foram surpreendidos com a proclamação da greve em todas as minas, sem a defeção de um único trabalhador.

A greve manteve-se com admirável êxito durante três semanas, e os patrões das minas outra solução não puderam aceitar que a completa satisfação das reclamações.

Os trabalhadores voltaram às minas entusiasmados por esta vitória, ganha com a sua acção directa.

## EDEN

A «coquetelaria» e as belas atitudes com que Laura Costa envolve em lindas «toilettes» interpreta vários números valorizam a célebre revista «Fungagá» em scena neste teatro.

## A água do Andaluz

A comissão de defesa da água do Andaluz na sua reunião, deliberou ir amanhã à Câmara Municipal reclamar a conclusão breve das obras de assentamento da nova canalização e transformação do Largo de Andaluz, com a construção dum novo charniz, melhoramentos estes que já pediu há mezes à vereação transacta.

Também resolveu aceitar a colaboração de todas as entidades ou pessoas que desejem concorrer para o beneficiamento desta água e que nestes termos podem dirigir-se ao secretário geral da comissão, rua do Conde Redondo, 102.

## O Japão pacifista...

TOQUIO, 25. — O presidente do conselho declarou no Parlamento que o Japão prosseguirá na sua política de não interferência nos assuntos internos da China e empregando os maiores esforços pacíficos para proteger os seus interesses no Celeste Império.

## A bárbara agressão cometida por soldados da G. N. R. em Sintra

SINTRA, 25. — Os espíritos da população desta vila encontram-se fortemente excitados pela agressão canibalesca de que foi alvo o trabalhador Francisco dos Santos, caso que A Batalha largamente referiu e comentou. O nosso jornal foi ontem muito procurado, esgotando-se a breve trecho.

O pobre agredido, esse, num estado horroroso, lá se encontra na cadeia, enquanto as feras fardadas que o puzeram em tal estado, continuam a solta e aptas a praticarem novas proezas. Um desses selvagens, o impedido do tenente Pimentel, permanece em Sintra, gabando-se da sua preza e ameaçando tudo e todos. Os jornalistas da terra, por cobardia ou cumplicidade nada dizem sobre o facto; no entanto, o estado de indignação em que a população se encontra deixam-nos prever lamentáveis acontecimentos se ali persistirem os guardas provocadores.

## A evacuação da Renânia

BERLIM, 25. — Os aliados comunicaram ao governo alemão que a evacuação da primeira zona da Renânia estará concluída, pelos ingleses em 31 de Janeiro, pelos belgas em 4 de Fevereiro e pelos franceses em 20 do mesmo mês.

## Ainda a catástrofe de Espinho

Vai realizar-se em Sacavém um bando procatório a favor das vítimas

SACAVÉM, 22. — A fim de corresponder ao apelo a favor das vítimas do tufão de Espinho, reuniram-se na Associação dos Bombeiros Voluntários de Sacavém, a convite da sua direcção, os representantes das diversas colectividades, comissões políticas, autoridade local, junta de freguesia, comando militar, comércio e indústria.

Nesta reunião ficou deliberado que o banco procatório se realize no próximo dia 31 do corrente.

Foram nomeadas umas comissões que têm a seu cargo a música e a ornamentação dos carros alegóricos que devem figurar no cortejo. — E.

## A catástrofe da super-produção

BERLIM, 25. — A crise económica tem-se agravado sob a influência da super-produção e da super-população, criando um desequilíbrio monetário e político alarmante.

O número de desempregados passou de 363.000 em 1 de Outubro para 1.480.000 no primeiro de Janeiro.

## Sobre um polícia gatuno

Ontem de tarde, procurou-nos Raúl de Almeida, aquele comerciante que, como A Batalha referiu, sofreu um estouro na corrente dado pelo agente Viegas, e que, acompanhado de testemunhas veio confirmar a sua queixa e comunicar-nos que o referido agente de polícia tendo procurado persuadi-lo a desistir da queixa que apresentou ao comando da polícia, dispondo-se até a indemnizar o estrago ocasionado pela quebra do aro da libra, como não o conseguisse, lhe dirigiu ameaças, afirmando também que faria ir pelos ares A Batalha.

A noite, procurou-nos o próprio agente Viegas, bastante embriagado, a mostrar-nos a local que publicámos e a dizer-nos coisas que o seu estado anormal não permitiu que compreendêssemos.

## A «briosa» em scena!

No Barreiro foi há dias agredido por dois soldados da G. N. R. o comerciante Miguel Gonçalves, rua da Recosta, 2, Barreiro.

A agressão de que resultaram ferimentos de certa gravidade foi injustificada. O sr. Miguel Gonçalves esteve nesta redacção e o seu aspecto indica perfeitamente o ser uma criatura incapaz de resistir às determinações desses quadrúpedes ferozes que são soldados da G. N. R.

A agressão de que foi vítima que o deixou prostrado no solo esvaindo-se em sangue ficará impune, como ficam todas as infâmias perpetradas pela G. N. R. e pela polícia.

## AGREMIações VARIAS

Sociedade Naturista. — Reúne-se hoje a assembleia geral às 21 horas para apreciar o relatório da gerência, eleição de cargos vagos e outros assuntos.

O Grupo de solidariedade «Os 21 Manufatores de Calçado». — Reúne hoje, pelas 20 horas para um assunto urgente

Teatro APOLO HOJE Tel. N. 4291

Comp. BERTA RIVAR-ALVES GUNHA

2.ª recita com a peça em 3 actos

AS DUAS CAUSAS

SEXTA-FEIRA, 27

Festa artística da genial

ADELINA ABRANCHES

com a peça de Bernstein

SAMSAO

Teatro Maria Vitória

TELEF. N. 3644

Duas sessões às 8 h 12 e 10 h 12

A rainha das revistas

FOOT-BALL

RS ROSAS por Jina Demol

O CHARCOLEIRO por Honfense Lus

O JORCA por Santos Carvalho

Graça desopilante — Linda fantasia

O célebre quadro

Banco dos Reis, Limit.

PREÇOS POPULARES

## DESPORTOS

O grupo representativo de Portugal empata por 1-1 com a Tchecoslováquia

O resultado do sensacional encontro já é conhecido do público por intermédio dos jornais desportivos que lhe deram larga publicidade.

Resultado pouco em harmonia com a expectativa geral, que esperava, certamente, uma melhor e mais orgulhosa posição internacional, para o futebol português.

Verdade seja — e porque não dizê-lo — que o adversário é valoroso, a sua técnica é muito mais perfeita que a empregada pelos grupos portugueses, porque estes, não tendo um método genuinamente seu, não precocemente previamente com calma e serenidade de as jogadas, os nossos jogadores usam ainda o imprevisível, num misto das mais variadas fórmulas técnicas, que nos seus treinos, um tanto incompletos, e nas lições tiradas das visitas que os melhores grupos estrangeiros que até cá se têm deslocado, lhes proporcionam, às quais se procuram adaptar, mas ainda imperfeitamente. Outra razão, influente bastante para o grau de inferioridade revelada é a compleição física e preparação atlética dos contendores.

Enquanto a nossa rapa, depauperada e esfingica, poucos exemplares de bons atletas permite apresentar, os grupos estrangeiros, momentaneamente, apresentam-se constituídos por elementos que chegam por vezes a motivar exclamações de admiração. A nossa pequenez não concebe que lá fora, mereça tanta propaganda metódica, se cultive e produza uma autêntica cultura física, e mesmo intelectual, que gera os excelentes exemplares que ocasionam a nossa «indígena» admiração.

Mas se lhes falta, aos rapazes portugueses, a preparação atlética, a robustez física e os conhecimentos que o adversário possui, ricamente, essa falta é suprida admiravelmente pelo entusiasmo, ardor e muitos nervos que põem na contenda, influente muito a considerar para os resultados que como o de domingo foi, no Porto, conquistado.

Mais uma vez se patenteou o grande poder que os nossos grupos dispõem na defesa, muito em contraste com a fraca acção do ataque e construção do jogo. Revela-se, neste grande momento, talvez, uma condição psicológica do nosso povo. Atento, enérgico e valoroso defendendo-se. Fraco, desunido, consumindo esforços sobre-humanos e individuais, construindo. Falta-lhe o espírito associativo calmo e reflectido, que permitiria a construção perfeita dum objectivo, — neste caso a vitória em futebol — com menor perda de energias, menos esgotante e indubitavelmente mais proveitosa. Que as sucessivas lições para alguma coisa sirvam em favor dos nossos desejos, que não tendo sombras de chauvinismo, anseiam apenas por que em todas as manifestações da vida onde quer que actuem, acusem sempre um progressivo aumento de valores e conhecimentos absolutamente indispensáveis à progressão da raça.

Os cuidados dispensados às equipes representativas, nos últimos tempos, e o cunho de moderna orientação, imprimido pelo espírito culto e despojado de Ribeiro dos Reis, que tem revelado no espinhoso cargo que pela União P. de Futebol lhe foi cometido, os maiores escrúpulos, soma de conhecimentos e largueza de vistas, são frutos incalculáveis, e de que uma evolução útil, compensadora, e de bons pronunciamentos para um futuro menos propenso a fechados e estreitos materialismos, se opera.

Que estas breves e despretensiosas considerações se ajustam perfeitamente ao momento provam-no, quando não outros exemplos anteriores, o aspecto e resultados obtidos, presentemente, pelo «Rapid», grupo amador de Praga, e ainda como se observará no próximo encontro Porto-Praga e Lisboa-Praga. Este último a efectuar-se no próximo domingo.

## O «Rapid» vence o Benfica por 5-2

Nas Amoreiras, novas instalações do S. L. B. em activa construção, realizou-se no domingo um interessante desafio, que foi por vezes brilhante e em que o grupo campeão de Praga levou a melhor conquistando por 3-0 na primeira parte e mais um 2-2 na segunda.

Os «benfiquenses», com a sua primeira categoria desfalçada, apresentando como reserva cinco jogadores de categoria inferior houve-se a contento opondo à melhor exibição dos tchecos uma resistência e entusiasmo muito para louvar.

Lutando com um adversário muito superior em peso e de grande valor, os «vermelhos» não conseguiram resultado mais lisonjeiro por manifesta infelicidade. O centro do ataque foi o ponto fraco do grupo, ao contrário do adversário, que possui ali, precisamente, o seu forte. Os extremos, especialmente Carneira; Vitor Gonçalves e Travassos, médios; o par da defesa L. Costa e Bailão e o guarda-redes F. Costa francamente bons; embora este último possa ser acusado de falta de atenção que motivou as duas últimas bolas. Nos tchecos, embora se notabilizassem os dois interiores e o guarda-redes fez o seu excepcional valor, todo conjunto fez o seu melhor jogo. A arbitragem de Tomaz da Costa, ainda que difícil, agradou.

«Rapid». — Vitória 0-0

SETUBAL, 25. — Foi deveras animado e bastante concorrido o encontro entre o «Rapid» e o Vitória. O desafio que terminou sem marcação de bolas, teve uma primeira parte equilibrada e a segunda com um pouco de mais domínio dos tchecos que por vezes se tornaram violentos.

A arbitragem ao cuidado de José Travassos, com agrado.

Marítimo Foot-ball Lisboa

A Direcção do Marítimo Foot-Ball Lisboa resolveu agradecer à Concentração Musical 24 de Agosto a sua cooperação no

dia 10 p. p. na festa do aniversário do seu Clube.

No dia 17 p. p. houve no Campo Industrial Portugal e Colónias, oferecido pela Direcção da mesma, uma festa desportiva constando do seguinte:

Desafio de solteiros e casados, disputando-se a taça Armando Bento Garcia, vencendo os solteiros por 4-1, seguindo depois o desafio entre o Santana e Santa-Clara, para a disputa da taça António B. Garcia, vencendo o Santana por 7-0; e o terceiro desafio foi entre o Marítimo Foot-Ball Lisboa, contra o Caselense, vencendo o Marítimo por 2-1 a disputa da taça Manuel José, capitão geral do Marítimo.

No domingo, 17, no Campo do Portugal e Colónias houve um desafio para a disputa de um bronze entre Vendedores de Jornais e o Marítimo vencendo este último por 9-1.

## TIVOLI

As 8 3/4 ESTREIAS

Basta de Mulheres!

Comédia em cinco partes com Madge Bellamy

A opinião publica

Cine drama em 7 partes

Enredo e encenação de CHARLIE CHAPLIN (Charlot) com Edna Purviance

Uma revista de actualidades

A sala tem aquecimento

## AS GREVES

Pessoal da Casa Vulcano

Reuniu em maioria e no meio de grande entusiasmo o pessoal desta fábrica, apreciando a marcha do seu movimento. Usaram da palavra vários oradores que, escarapelando a direcção da fábrica, fizeram sentir a necessidade de os grevistas não falarem às sessões onde se debaterão assuntos de importância.

Foi também comunicada ao referido pessoal a interdição de um delegado efectivo do sindicato junto da comissão do pessoal. Mais se resolveu reunir hoje pelas 14 horas.

O sindicato metalúrgico apela para todos os profissionais para que não vão trair a causa daqueles camaradas, causa que é de toda a classe em geral.

## OS QUE MORREM

Maria Rosa de Oliveira

Faleceu ontem o sr. D. Maria Rosa de Oliveira, operária reformada dos Tabacos, esposa de Tomaz Domingos de Oliveira, encarregado do oficina de Electricificação da Sociedade do Estoril, realizando-se o seu funeral, hoje, pelas 15.30 horas da travessa do Mato Grosso, 33, para o cemitério do Alto de São João.

Júlia dos Reis

Faleceu no hospital Estefânia, pouco depois de ali ter dado entrada para tratar-se de uma grave enfermidade de que há muito tempo sofria, a sr.ª D. Júlia dos Reis, mãe do sr. Júlio do Espírito Santo, guarda noturno na rua da Glória, e tia de Maria Rosa, tipógrafo do nosso jornal O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas, saindo da casa mortuária do hospital Estefânia para o cemitério do Lumiar.

## LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

'A Batalha' na provincia e arredores

Caldas da Rainha

Por servir a pátria...

CALDAS DA RAINHA, 23. — Benigno da Silva, desta vila, foi soldado artilheiro, combatente em África e na França, sendo

Parceiro que se encontrava no país gozando licença, mais um oficial de quem era impedido, na ocasião da revolta sidonista e que, por ordem superior, não voltou mais para a França.

O Benigno, casou, e tem tido as suas revisitas de inspecção. Passados 7 anos é preso como desertor, e lá vai a caminho de Évora debaixo duma escolta de artilharia 1, que aqui veio a fim-de o conduzir aos calabouços daquela unidade para responder como desertor!!!

Foi-nos dito que vão ser presos, pelo mesmo delito, mais de mil ex-soldados, considerados desertores.

Benigno da Silva é trabalhador rural; ganhava para sustento de sua mulher e filhos, ficando estes agora na miséria.

Na ocasião do embarque, na estação desta vila, foram despedir-se do Benigno muitas pessoas que lastimavam o seu infortúnio e dos seus.

Foi este o prémio que recebeu por ter servido a pátria... d'êles.

## Malvadez

No dia 21 do corrente, mãos malvadas colocaram dois carris sobre a linha férrea, entre as estações de Obidos e São Mamede, a fim de fazerem deslizar o comboio. O comboio 206 que sai desta vila, às 20.45 horas, ao passar no local onde os bandidos fizeram a sua nefasta proeza foi de encontro ao obstáculo e a máquina levou na sua frente o carril, e felizmente não houve novidade.

Poucos momentos depois sucede o mesmo ao comboio 207, que vem de Lisboa e chega aqui às 21.10; pois as mesmas pessoas novamente colocaram outro carril sobre a linha, e ainda desta vez não houve desastre. — C.

## «Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retirozinhos, 125 — LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

dia 10 p. p. na festa do aniversário do seu Clube.

No dia 17 p. p. houve no Campo Industrial Portugal e Colónias, oferecido pela Direcção da mesma, uma festa desportiva constando do seguinte:

Desafio de solteiros e casados, disputando-se a taça Armando Bento Garcia, vencendo os solteiros por 4-1, seguindo depois o desafio entre o Santana e Santa-Clara, para a disputa da taça António B. Garcia, vencendo o Santana por 7-0; e o terceiro desafio foi entre o Marítimo Foot-Ball Lisboa, contra o Caselense, vencendo o Marítimo por 2-1 a disputa da taça Manuel José, capitão geral do Marítimo.

No domingo, 17, no Campo do Portugal e Colónias houve um desafio para a disputa de um bronze entre Vendedores de Jornais e o Marítimo vencendo este último por 9-1.

TELEFONE N. 5474

## Charlot autor e encenador

Charlie Chaplin, celebrado pelo film burlesco, é também um encenador notável. No cine drama A opinião publica tudo lhe pertence, desde o enredo até a realização.

A opinião publica reveste-se de uma profunda emoção e a sua acção nasce do conflito entre corações honestos e puros e o meio doirado e dissoluto das grandes cidades, centros de prazer sem escrúpulo.

Charlie Chaplin por neste film todo o seu talento e experiência, não tomando, no entanto, parte no seu desmembramento.

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### Teatro Juvénia

Lá fomos, mais uma vez, com todo o prazer, ao Teatro Juvénia, que a competência do carinho de Araújo Pereira ergueram num sonho, inicialmente realizado, de arte popular acessível a todos e em que a par de caracteres se formassem também vocações.

Não vejo que o mestre Araújo Pereira conseguisse conjugar a seu lado vontades que o encorajem, teimosias que o incitem, conselhos que o amparem. Neste campo nacional de injeções, maledicências, e negativismo, tudo se calou, não há quem fremente, sequer, o Teatro Juvénia, dando-lhe alento, manifestando-lhe interesse, ajudando-o a continuar na sua modesta mas utilíssima tarefa.

Lá fomos mais uma vez e sentimos a solidão terrível duma ausência, a de Araújo Pereira, que o leitão aconchega nesta hora, numa ansia de cura da enfermidade pertanaz que o acometiu.

Parcei-nos a pequena sala mais sombria, a luz que a iluminava menos afoita. Era a ausência do amigo, do mestre! Os seus discípulos vão fazer a Araújo Pereira uma festa no Apolo, no dia 2 de Fevereiro. É preciso que o operário que tanto lhe deve nas tentativas de arte social-teatral, vá em massa ao teatro. É preciso que ninguém falte, porque se o fizer cometerá um crime: o esquecimento dum nome que pela classe trabalhadora tem pugnado através da sua vida intensiva de homem e de artista.

\*\*\*

O espectáculo contou dum original de João Carlos de Chaby Quem matou?, interpretado por Manuela Porto, Maria Silva, Dionísio Hipólito, Luís de Campos, Artur Fernandes, César Viana, Alberto Anahory e Carlos Silva. O conjunto é bastante agradável, sendo muito apreciável o trabalho de todos, como foi também o de Luís Baptista, Maria Manuela e Líbia de Almeida, em Um serdo familiar, comédia de Adolfo Lima.

O que desola é a falta de concorrência e, sendo o bairro das Escolas Gerais essencialmente popular, não se compreende uma tal ausência.

Nogueira de BRITO

### No Ginásio

Orquestra Portuguesa

Fernandes Fão continua a marcar com a sua orquestra. Pode-se dizer que não dá um concerto sem que revele ao público de Lisboa uma primeira audição.

Coube agora a vez à quarta sinfonia de Schumann. É uma página sadada em moldes românticos, mais inteiramente serena de contorno sem devaneios de sentimento pueril. Anima-a uma grande contextura melódica feita de praxes substanciais e sem arremedos de lirismos doentios. A Orquestra Portuguesa executou a sinfonia com entrain. Tendo no seu lugar.

Neste concerto tivemos uma reviviscência: A suite do Peer Gynt, de Grieg, que há anos não ouvimos nas nossas orquestras sinfónicas. Todos os andamentos foram correntemente executados pela orquestra, mas o que nos pareceu mais perfeito como interpretação de descritivo foi o primeiro Le matin. Claras as notas como a luz duma manhã de Abril.

A abertura do Tanhauser mereceu grandes aplausos pelo vigor que a orquestra lhe deu, como também sucedeu com a rapódia em ré de Liszt, tocado com o indispensável claro-escuro.

A «Leonora» de Beethoven, atingiu um óptimo colorido, saindo bem frisantes os contrastes que a caracterizam.

N. de B.

### Reclames

Tudo se conjuga para fazer de A Moça de Campanilhas uma grande peça, desde a brilhante criação de Cremilda de Oliveira aos admiráveis números de canto por Almeida Cruz e Maria Pires Marinho, aos desopilantes papéis cómicos de Tereza Gomes, Alvaro Pereira, Alvaro de Almeida e Adolfo Sampaio e à graça e frescura de Mari-Laura.

A opereta do São Luís consegue deste modo reunir a mais inspirada das partituras ao maior êxito de gargalhada.

— As palavras são insuficientes para definir bem a emoção que se apodera de toda a gente ao ver o trabalho assombroso que com os seus ferozes léxes executa Ivanof, o extraordinário domador que se encontra no Coliseu dos Recreios, onde está fazendo um sucesso como não há memória de outro igual. Rico & Alex, o trio Tony & Grice, os Artonis, Carlett, os Artons e todas as outras notabilidades da Nova Companhia de Circo completam o espectáculo desta noite, que promete ser deslumbrante.

Brevemente apresentar-se-á no Coliseu uma novidade de grande sensação.

— Pela última vez, exhibe-se hoje no écran do Chiado Terras e os films que ontem obtiveram um grande êxito «Amores de Montanhas», 7 partes; «Alma de Osear», 5 partes e um film cómico em 2 partes.

### TEATRO SÃO LUIZ

HOJE E SEMPRE

O grande sucesso

A Moça de Campanilhas

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE

Assombroso êxito

do extraordinário e arrojado



Lebrecht, artista impressor



## A greve dos ferroviários de Lourenço Marques

Devido à incompetência dos dirigentes, os prejuízos do conflito, por eles provocado, ascende a mais de meio milhão de libras

LOURENÇO MARQUES.—Continua sem solução a greve ferroviária, isto é: os Mussolinis mantêm-se na expectativa de que a classe se há-de render pela fome! Há 54 dias que está paralisado o movimento ferroviário. Para quem conhece o que é o movimento deste pórtico, como ali há quem conheça, deve admirar-se da falta de senso destas autoridades de comédia que daí nos enviaram.

Há 54 dias que vão iludindo a cidade dizendo que têm o serviço normalizado, e no entanto, sobre a ponte-cais e dentro dos armazéns, para onde os navios descarregam, há cerca de 25.000 toneladas de mercadorias que se destinam ao Transvaal!

Vingue a «Reorganização», obra de alucinados, que de resto os prejuízos não têm importância...

A classe tem-se mantido até agora na mais estreita solidariedade, o que é motivo para nos regosarmos. E' que as greves daí diferem muito das de cá. As greves nos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques trazem sempre deportações, e para quem conhece o valor dos elementos que compõem as classes compreende que quando aqui se vai para uma luta contra-se sempre com a enorme arbitrariedade do desterro e com a supressão dos direitos individuais a-pesar-da não proclamação do estado de sítio.

Enão pode lá admitir-se que camaradas que nunca se salientaram no movimento a não ser o terem abandonado o trabalho, tenham sido deportados como homens perigosos?

Tudo quanto ali se diga em seu desabão será uma refinada falsidade, pois que esses camaradas foram tirados a esmo de entre o grupo dos 200 presos. Foram eles que poderiam ter ido outros. Esta é que é a verdade. Deportaram homens que aqui viviam com suas famílias há 25 anos!

Alvaro de Castro, a-pesar-de ter feito deportações em 1917, quando o movimento chegou ao 23.º dia de luta entendeu-se com a classe e a greve terminou por terem sido atendidas as reclamações dos grevistas.

Se o «Satrapa» que actualmente aqui governa tivesse a seu favor o período anormal da guerra, que então Alvaro de Castro tinha, lá teria mandado fusilar algumas centenas de grevistas!

Este novo soba, legítimo filho do mais feroz inimigo dos operários que ali governa, é uma verdadeira nulidade. Ele veio para aqui apenas para se divertir e não para administrar, de contrario não se compreendia que deixasse que o movimento lá tivesse causado prejuízos calculados em meio milhão de libras não contando com o material ferroviário que se encontra avariadíssimo. O seu maior prazer é passear no «ate» de luxo. E os «desorganizadores» vão fazendo o mesmo para fazerem acreditar que tudo corre lá mal maravilhas.

Tanto o director dos C. F. L. M., como o secretário do interior e comissário de policia, enquanto os enormes montes de carga jazem na ponte-cais, vão tomando a sua cerveja na praia e ouvindo o seu bocado de musica...

«Não farão estes indivíduos parte da tal seita que pretende vender as colónias? Pelo menos todos eles aqui se agarraram aqui a dois patifes para constituir um «desa» dos actos que praticam fora da lei.

Qualquer dos pseudo-jornalistas escolhidos não podiam estar mais ao pintar. Agora deu-lhes na gana para começarem a inventar que o movimento ferroviário é uma obra de alta tração!

E isto porque a imprensa não foi toda no bote de se calar diante das maiores atrocidades que se têm posto em pratica.

Um dos vendidos que redige uma das folhas viu para aqui como enviado especial dum jornal republicano e quando esteve no Nyassa tais proezas praticou que se não fosse a intervenção de certas pessoas de influencia ter-lhe-iam cortado o pescoço por o considerarem traidor.

O outro director da segunda folha governamental é um tal Belchior, de modo de vida desconhecido e que um ex-governador daqui mandou prender como vadio.

O apoio do soba-mór está nestes dois mariolões que vomitam nas gazetas e o aconselham a praticar as maiores barbaridades.

E é tão certo o sr. Vitor Hugo seguir as instruções destes dois patifes, que já foi também preso o grevista Manuel Joaquim da Silva, acusado do crime de rebelião!

A população de Lourenço Marques está ansiosa que termine este estado de terror afim de ajustar contas com todos os factores que têm levado a provincia ao estado mais miserável que imagina-se pode.

Toda a gente honesta despreza a súa de imbecies que dá exportaram. Do grupo, que rodeia o sr. Azevedo também faz parte um tal Bartolomeu, que ali já foi ministro do Trabalho.

Não sei onde pretendem levar o conflito ferroviário mas seja onde for, não deduzem estes ignorantes que vencendo ou esmagando a classe, ipso facto esmagam todo o serviço ferroviário.

O que bastante conviria ao governo, era suspender imediatamente a tal «Reorganização» até um completo estudo e buscar a boa vontade dos ferroviários a fim de conseguir o descongestionamento do tráfego que a trabalhar bem, nem daqui a três meses está normalizado.

Não o entendem assim os que nada perdem com a má solução ficando para nós os prejuízos visto que as contribuições e sobregreiros que impendem.

E os governantes daí estão a dormir? Creio que, por intermédio do Transvaal, devido à censura, os ferroviários pediram providências contra os desmandos do sr. Vitor Hugo.

Os ferroviários sul-africanos estão neste momento reunidos estudando a maneira de auxiliar mais eficazmente os ferroviários de Lourenço Marques.—C.

## A vida dolorosa e trágica dos trabalhadores das fábricas de tecidos do norte do país

Enquanto na capital se assiste ao desenrolar desse grande filme, que traz envolvidas altas personalidades da nossa (?) politica, e que tem sido nos últimos tempos a comédia mais habilidosamente trabalhada...—a burla colossal dos do A. e M., coadjuvada com os do Banco de Portugal—nós cá por estas regiões montanhosas, vamos assistindo também à exposição de quadros que despertam em nossa sensibilidade frêmitos de revolta... São de cores tão sinistras, que ao rabisarmos estas linhas, mal alinhavadas, a nossa mão treme indignada, contra todos os traficantes da politica, que vilipendiosamente escarnecem do povo espoliado e martirizado!

E na podridão que assenta esta sociedade de drácula que tem por lema o roubo, a ignominia e o latrocínio, e enquanto o povo se conserva neste comodismo indolente compra desenfreada a bandalheira!

Quem como nós já tivesse percorrido algumas terras do Norte, e observasse de perto a vida miserável que atravessam esses humildes escravos da gleba, que se empregam nas grandes fábricas de tecidos, de que são férteis as regiões dos rios Ave e Vizela, certamente que não poderia também calar a sua revolta!

A nossa pena é pobre, para poder descrever tudo quanto nossos olhos poderam enxergar naquela corda de fábricas que tem início ali em Santo Tirso, e se estende até lá acima a Guimarães e a Fafe.

\*\*\*

Ainda os primeiros alvôres da madrugada se ocultavam lá no horizonte e já em todo o cortiço (nome dado aos miseráveis bairros onde o operariado se alberga) se notava um movimento desusado. De todos os casebres saí fumo, fumo que se esvai na atmosfera e que se perde no meio da espessa neblina que cobre toda a região por onde o rio passa. E' o aquecer do caldo feito na véspera, ao regressar do trabalho, para se alimentarem durante o dia...

O acordar desta gente confrange-nos a alma!... O chorar das crianças, quando notam a falta dos seus pais nas mansardas em que dormem, dilacera-nos o coração...

A vida destes humildes trabalhadores, fabricantes desses tecidos que nos cobrem o corpo, pode ser comparada com a dos mineiros que o genial Zola descreve nessa grandiosa obra intitulada o «Germinal».

Os quadros que Zola nos descreve, são semelhantes àqueles que aqui se observam, no meio destes vales quasi desconhecidos... Os mesmos rostos macilentos coroados pela fome... A mesma miséria por todas as pocilgas infectas que servem de habitação a essas quinze mil almas humanas que se espalham por toda a região.

São grandes os perigos a que estão sujeitos os fabricantes de tecidos. Basta apenas um simples descuido ao passar no meio das máquinas, para se fracturar um braço, ou uma perna, e, às vezes, perder a vida. O mesmo número elevado de horas de trabalho, dum trabalho árduo, para auferir um salário ridículo.

Emfim, a comparação não pode ser mais semelhante.

Pela estrada adiante nós fomos encontrando os primeiros grupos de mulheres, a caminho das fábricas onde deixam diariamente uma parcela da sua existência.

Crianças de tenra idade, andrajosamente vestidas, a tiritar de frio, saltitavam pela estrada fora...

E assim naquela marcha cadenciada, não se ouvindo senão o ritmo dos seus passos, e o marulhar das águas do Ave que ficava a nossa direita, os grupos vão aumentando de proporção à maneira que as horas se vão aproximando.

Seis e meia da manhã em ponto, de toda a parte os mesmos silvos chamando à lide o imenso rebanho humano. Vamos passar ao pé duma grande fábrica, que fica ali nas proximidades de Delães. O portão abre-se e toda aquela massa mole se move, precipitando-se para a entrada... O portão da fábrica parece-nos a boca duma fôrnia imensa e toda aquela gente o seu alimento...

A' noite as mesmas cenas e com a diferença de que os apitos são menos ensurdecedores. Talvez ache que o número de horas não é suficiente para as necessidades da produção. A multidão precipita-se para a saída como fugindo à morte mais horrível...

E durante todo o inverno, sujeitos a todas as intempéries, a fome e ao trabalho extenuante, — que a vida é a que atravessam estes obscuros escravos, percorrendo ainda enormes distâncias para auferir o mísero salário de quatro escudos?...

Quatro escudos!!! E ainda há, entre a casta parasitária que assentou arraiais em Fafe, Guimarães, Riba de Ave e em toda a região, quem diga que os operários nunca ganharam tanto dinheiro...

Tanto dinheiro que ganham, dizem os piratas dos Ferreiras de Riba de Ave e seus acólitos...

Pórtico.

Eduardo MIRANDA

CONFERÊNCIAS

«A' margem duma conferência»

Na próxima quinta-feira, 28, pelas 9 horas da noite, na sede da Universidade Livre, realiza o sr. Dr. Rodrigues Miguéis uma conferência com o seguinte título: «A' margem duma conferência de H. G. Wells».

A entrada é pública.

«O constitucionalismo»

## BAIXA DE SALÁRIOS

Tanoeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 23.—Ainda não há muito tempo que os operários tanoeiros desta localidade saíram de um movimento grevista, que se prolongou durante dois longos meses, contra o vasilhame de retorno, e já agora estão prestes a irem para a luta contra os seus exploradores.

A greve, que não há muito terminou, era sobre todos os pontos de vista lógico e justa, e por o ser os operários tanoeiros se conservaram dois meses em luta.

A luta então travada era contra os exploradores ingleses que sem consideração pela vida dos operários lhes negavam o pão a que tinham direito e ao mesmo tempo que os tanoeiros lutavam pelo seu bem estar, beneficiavam sem dúvida os industriais portugueses.

E eles sem a menor consideração pelo sacrifício dos operários, são agora os primeiros a quererem baixar dos salários.

Hoje à noite reuniram na sede do sindicato todos os militantes da classe com a presença de grande número de operários tanoeiros, para apreciar o assunto.

A essa sessão presidiu João da Silva Moreira e secretariaram Manuel da Silva e J. Fernandes Ribeiro, e depois de Tavares Adão ler um officio dimanado da Associação dos industriais de tanoeiros fizeram uso da palavra António Sampaio, Ricardo Lopes, Henrique T. de Oliveira, Francisco de Sá, Arnaldo Pimenta, José Pinto e Tavares Adão, repudiando todos os maneios infames dos industriais que pretendem baixar os salários dos tanoeiros.

Depois de uma demorada discussão foi aprovada uma proposta de Tavares Adão para que se boicote os industriais Bernardinho Pereira da Silva e Manuel Fernandes da Silva, não indo para aqueles industriais um único operário trabalhar até que a classe o determine.

Depois de mais alguma discussão, a sessão foi encerrada, reunindo toda a classe na próxima terça-feira, para apreciar a questão.

Que a classe se mantenha dentro da mais estreita solidariedade são os nossos ardentes desejos, para assim não se deixar esmagar pelos industriais.

Do manifesto que foi profusamente distribuído para convidar a classe a reunir na terça-feira recortamos as seguintes passagens:

«Roubar à nossa já incomensurável miséria uma fatia do pequeno bocado que possuímos, com a agravante de a mesma revertir a favor do exportador que vive faustosamente, só poderá ser justificado pela grande imbecilidade que tão tristemente vem caracterizando os industriais de Gaia, tão imbecis que nem sequer sabem guardar o que nos roubam.

...Ainda quando na última greve um grupo de miseráveis a sôdo dos exportadores, na intenção de esmagar aquele grandioso movimento, se entregava a miserável tarefa de espalhar o boato de que os industriais alimentavam a greve com muitos contos de reis, estes mesmos industriais nem sequer tiveram a indecência e altivez precisa para protestar contra tal infâmia, limitando-se a estar silenciosos para que o plano dos exportadores podesse virar e o movimento fracassasse. Contudo, todos aqueles que se dizia terem recebido dinheiro, gemiam junto dos seus filhinhos que se contorciam com fome.

Estão desmascarados os industriais de Gaia. O seu estado moral está patente, já sabemos portanto com quem lidamos, e de futuro lhe daremos o tratamento que merecem.

...Nós temos a razão e a justiça a nosso lado. Unimo-nos e dispomo-nos ou a morrer de fome cobardemente, ou a lutar na defesa dos direitos que alcançamos à custa de pesados sacrificios.

Um por todos e todos por um.

Nem um centavo a menos que a tabela enquanto a nossa Associação o não resolver. Saibamos ser enérgicos e cumpridores dos nossos deveres. Não nos intimidemos com as ameaças dos industriais e confiemos na solidariedade da classe».

FESTAS ASSOCIATIVAS

06.º aniversário do Sindicato do Mobiliário de Lisboa

Passou no dia 4 de Janeiro o 6.º aniversário da fundação do Sindicato Unico dos Operários da Indústria do Mobiliário de Lisboa, um dos organismos sindicais com brilhantes páginas de glória na história da sua curta existência. Os corpos gerentes daquele organismo não querendo deixar em claro a passagem desse aniversário, resolveram comemorá-lo com uma sessão solene que se realizará no próximo domingo e na sede respectiva, sessão que será abrihantada por um grupo musical.

Além da sessão solene, em que usarão da palavra delegados de vários organismos operários, será editado em número especial «O Operário do Mobiliário», que inserirá escolhida prosa de alguns elementos da classe.

CRISE DE TRABALHO

Pessoal da Parceria dos Vapores Lisbonenses

A Comissão do pessoal das oficinas e docas da P. V. L. acompanhada do delegado do Sindicato Metalúrgico entrevistou o secretário do ministrio do Comércio, o qual comunicou que a sua preferência já estava em andamento e entregue a solução do mesmo assunto ao administrador do Porto de Lisboa. A mesma comissão entrevistou esse senhor o qual lhe declarou que muito breve estaria liquidado o assunto. A comissão ficou novamente de entrevistar o mesmo senhor no próximo sábado.

Operários licenciados das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais convidou os operários licenciados a reunirem-se hoje, pelas 10 horas, na sede da Associação, travessa do Oleiro, 13, para a comissão dar conta dos trabalhos realizados para a reabertura das obras.

## Os profissionais da Imprensa

Inauguraram no domingo a sede própria do seu Sindicato e da sua Caixa de Previdência

No domingo realizou-se a inauguração da nova sede do sindicato e da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa, instalada no 2.º andar do prédio da rua do Loreto, 13, recentemente adquirido pela segunda destas instituições, graças aos esforços do sr. Jaime Brasil.

A nova sede foi muito visitada não só pelos sócios do sindicato como pelas individualidades e representantes de colectividades convidadas pela direcção da Caixa de Previdência, tendo-lhes sido servida uma taça de champagne e trocando-se vários brindes.

As instalações compõem-se de uma bela sala de fumar e de conversa, de uma boa sala para as assembleias gerais, gabinetes para as direcções do Sindicato e da Caixa, arquivo, uma esplêndida sala para os serviços de secretaria, uma pequena sala para redacção e biblioteca e um banheiro com banhos de imersão quentes e frios e de chuveiro.

O mobiliário é sóbrio, cómodo e apropriado. Apenas foi para nós motivo de estranheza, tratando-se de uma associação de jornalistas, que não tivesse sido cedida uma melhor sala destinada à redacção de artigos e à troca de noticias, doando-se essa sala com mobiliário adequado e com melhores condições de trabalho que aquelas que o jornalista encontra na grande maioria dos jornais onde se emprega.

Felicitando a classe dos profissionais da imprensa pelo acontecimento que no domingo festejou, fazemos votos por que a comodidade e o conforto que muito justamente vai gozar não amoleçam as energias necessárias para a conquista da sua dignificação profissional.

HORARIO DE TRABALHO

GOUVEIA, 24.—O industrialismo desta localidade, serve-se de todos os meios ao seu alcance para que a queda do horário de trabalho seja um facto. Operários há que, devido à sua inconsciencia, obedecem às ordens dos patrões trabalhando horas a mais, além das 8.

A direcção da Associação Têxtil fez distribuir um manifesto, combatendo estes atropelos ao horário de trabalho e convidando os operários têxteis a uma sessão pública na sede do seu sindicato a qual se efectuou, tendo sido tomadas deliberações de caracter defensivo do horário de trabalho. Industriais houve, que ao lerem o manifesto e terem conhecimento das deliberações tomadas no Sindicato, deram ordem para que os seus operários não trabalhassem mais do que oito horas.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Silves

SILVES, 24.—Promovida pela organização operária local, realizou na sede do sindicato dos corticeiros uma interessante palestra do dr. Campos Lima.

O conferente critica largamente o Estado burguês demonstrando pormenorizadamente a sua acção nefasta através dos tempos. Aprecia largamente os partidos políticos afirmando que os governos dele saídos acabam sempre por oprimir o povo e colocar-se ao lado dos exploradores.

Acenuta que se tem deixado o povo na ignorância, tendo a república voltado as costas com indiferença ao magno problema da instrução perdendo-se assim muitas intelligencias, devido à falta de cultura.

O orador depois de criticar largamente os erros e os crimes das sociedades burguesas terminou a sua interessante palestra numa apologia da emancipação dos operários e da sociedade livre, sendo calorosamente aplaudido pela assistência que enchia completamente a vasta sala de sessões do sindicato dos corticeiros.

INSTRUÇÃO

Cursos de instrução geral elemental, português e francês

Tem lugar na próxima quinta-feira, dia 28, a inauguração do curso de instrução geral elemental e na sexta-feira, dia 29, a inauguração dos cursos de português e francês, criados pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, que se realizarão nos seguintes dias e horas:

Instrução geral elemental: às 2.ª e 5.ª feiras, das 20.30 às 22.30 horas.  
Francês: às 3.ª e 6.ª feiras, das 20 às 21 horas.  
Português: às 3.ª e 6.ª feiras, das 21 às 22 horas.

A matrícula para estes cursos encontra-se aberta somente até à realização da 2.ª aula de quaisquer dos cursos, devendo portanto apressarem-se a matricular-se todos aqueles que o queiram fazer. No acto da matrícula paga-se 5000, devendo todos aqueles que o possam fazer, contribuir com uma cota voluntária para o fundo especial de instrução a todos os camaradas que se encontram em trabalho e portanto sem possibilidades de pagar a matrícula e cotas, não lhes é vedado por esse facto o acesso aos cursos, podendo matricular-se sócios efectivos e auxiliares do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.

Escola Móvel de Almada

Inaugura-se amanhã, na sede das associações da Construção Civil e dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada, uma escola móvel oficial. As direcções daquelles sindicatos convidam todos os operários do concelho de Almada e especialmente os seus filiados a levarem os seus filhos a frequentar a nova escola.

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa

Continua aberta a matrícula para as disciplinas de primeiras letras, instrução primária e comércio para as aulas do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, na sua nova sede, Largo de S. Domingos, 11-1, 2.º onde todas as noites, das 21 às 23, se encontra um delegado da direcção.

SOLIDARIEDADE

A comissão administrativa do Sindicato dos Manufactores de Calçado convida as comissões ou camaradas que tenham em seu poder quetes destinadas aos presos por questões sociais e ao movimento contra a baixa de salário

## VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secção de Unões

Reúnem hoje, pelas 21 horas, os delegados que representam Unões e Câmaras do Trabalho.

Comité Confederal

Para um assunto urgente e importante, reúne hoje extraordinariamente o Comité Confederal.

COMUNICAÇÕES

Empregados menores do Estado.—Na última assembleia geral elegeram para os corpos gerentes os seguintes consócios: Mesa da Assembleia Geral: Presidente, Eduardo Joaquim Costa; Secretários, António Cardoso e Lourenço António. Direcção: José Francisco Pinto, João dos Santos Giesta, Joaquim Elias Rocha, Alberto Jesus Oliveira e Manuel Pedro da Silva, Suplentes: José Nabais e Pedro de Abreu. Conselho Fiscal: Isidoro Soares, António Marques e João Alegria. Suplentes: Virgílio Ferreira Amaro e Manuel Dias de Almeida.

Federação Ferroviária.—Reuniu nos dias 16 e 19 do corrente, o Conselho Federal com a presença de delegados dos Sindicatos do Sul e Sueste, Minho e Douro e Beira Alta. Aberta a sessão pelas 12 horas de 16, são aceites como delegados do Sindicato do Sul e Sueste Alfredo Carvalho e Joaquim Baptista Gonçalves, em substituição de Júlio Vilas Boas e Adão M. Costa que passaram para a comissão executiva da Federação. Por não ter terminado a sessão de esclarecimento aos ferroviários da C. P., o Conselho resolve reelegir o 1.º ponto da ordem de trabalho para depois da referida sessão terminar em virtude de os acusados da Federação ainda não terem feito uso da palavra.

Foi aprovado o relatório financeiro referente aos meses de Outubro a Dezembro. A Comissão Executiva solicita do Conselho a nomeação duma comissão revisora de contas, a-pesar-de não estar nos estatutos entendido que ela deve ser nomeada, visto ter havido da parte dos dirigentes do Sindicato da C. P. uma campanha desleal e desonesta e para que o Conselho e restantes ferroviários saibam que os dinheiros da Federação têm sido bem administrados, não desistindo portanto de tal nomeação. O Conselho atendendo a esse desejo aprovou a seguinte moção:

«O Conselho atendendo aos desejos da Comissão Executiva em querer que as contas da Federação sejam analisadas em virtude da campanha desenvolvida contra a mesma, resolve eleger uma comissão revisora de contas que verificará a situação financeira da Federação desde o seu início».

A comissão ficou constituída por José de Sousa Teixeira, Joaquim Baptista Gonçalves e António João Regueira, do M. D., S. S. e B. A. respectivamente.

Tendo o Conselho conhecimento que Maximiano Pires, delegado do M. D. ao mesmo Conselho, se encontra doente há já bastante tempo resolveu encarregar a Comissão Executiva de lhe officiar transmitindo-lhe os votos do Conselho pelas suas melhoras esperando que em breve retome o seu lugar já restabelecido. Também resolveu encarregar a Comissão Executiva de officiar ao Sindicato do Sul e Sueste comunicando-lhe a falta do delegado Leopoldo Calapez às reuniões. Em seguida é suspensa a sessão para reabrir às 2 horas da madrugada do dia 19.

Entra em discussão o conflito Sindicato da C. P.-Federação. Fazem uso da palavra Alfredo Castelbano, Alvaro Avelino Serra, Mário Carvalho, Adriano Monteiro e António João Regueira. Depois de ser analisado o assunto em todos os seus detalhes são aprovados os seguintes documentos:

«Considerando que do ataque feito a dois elementos da Comissão Executiva e à Federação, nada de positivo constatou em desabono dos mesmos.

O Conselho Federal resolve:

1.º Continuar a manter a confiança e solidariedade aos elementos já citados.

2.º Considerar caluniosas as acusações feitas aos mesmos.

3.º Saudar os ferroviários conscientes da C. P. incitando-os a continuar na defesa da organização operária em geral».

«Dar plenos poderes à Comissão Executiva para tomar todas as medidas importantes que julgar necessárias para a defesa da organização».

Ainda sobre o mesmo conflito o Conselho aprovou por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que as acusações formuladas contra a Federação e sua Comissão Executiva nenhuma foi concretizada nas assembleias levadas a efeito por este organismo;

Considerando que as manifestações produzidas pelo classe da C. P. em Lisboa e nas respectivas linhas, foram de aberta defesa do organismo federativo, prova de que a maioria da classe se encontra com a Federação;

Considerando o prestígio e a unidade da organização, o Conselho Federal reunido em 16 de Janeiro, após a terminação da sessão realizada no teatro Gil Vicente, resolve:

Repudiado a campanha feita contra a Federação e dar todo o seu apoio à Comissão Executiva.

Esperar da consciência da classe em referência a modificação rápida à situação existente, mais uma vez provando o seu desejo em ver unida toda a classe Ferroviária.

Não tomar attitude mais enérgica e dentro das resoluções anteriores, atendendo às razões expostas.

Aguardar a próxima reunião onde certamente o Sindicato da C. P. se fará representar pelos seus cinco delegados, para definitivamente se solucionar a questão, visto só dentro deste poder a mesma ficar liquidada.

S. U. do Mobiliário.—A comissão administrativa resolveu convidar todos os militantes da indústria que queiram colaborar no órgão da classe O Operário do Mobiliário, a sair no dia em que se comemora o aniversário do Sindicato, a enviarem os originais até amanhã.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Federação Mobiliária.—A's 17.30 horas, a comissão administrativa para um assunto urgente.

Federação Metalúrgica.—Para assunto

de grande importância a Comissão Administrativa pelas 19.30 horas.

Sindicato Metalúrgico.—Pelas 20.30 horas a assembleia geral em continuação dos trabalhos pendentes na última assembleia.

—A Comissão Administrativa, pelas 19.30 horas para assuntos urgentes.

Compositores Tipográficos.—Pelas 18.30 horas os delegados dos quadros dos jornais diários a fim de apreciar a situação dos colegas do Mundo e mais desempregados.

S. U. do Mobiliário.—Comissão de Melhoramentos.—Pelas 20 horas, a comissão, juntamente o pessoal da casa José Henriques, a fim de apreciar a resposta do industrial.

Comité da Sede.—Pelas 20.30 horas, todos os componentes para assunto urgente.

Operários Alfaiates.—Pelas 21 horas, a assembleia geral, para eleição de corpos gerentes para 1926.

DIAS PRÓXIMOS: Manufactores de Calçado.—Reúne amanhã, às 21 horas, a Comissão Administrativa conjuntamente com a comissão organizadora da Secção do Alto do Pina.

Impressores Tipográficos.—Reúne amanhã em assembleia geral e em virtude de ser a 2.ª convocação realiza-se com qualquer número.

Operários Municipais.—Reúne amanhã, às 20.30 horas, o pessoal da Higiene e guardas de todas as repartições, para tratar de assuntos sobre aumento de salário.

Secção Profissional dos Cantoneiros.—Reúne no próximo dia 28, às 20.30 horas, para nomeação da comissão para 1926, apresentação dos trabalhos da gerência transacta e outros assuntos.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne hoje o Comité Federal pelas 20 horas.

Núcleo de Lisboa.—Cursos.—Todos os sócios efectivos e auxiliares devem prestar atenção à notícia publicada hoje na secção Instrução.

Secretariado Central.—Reúne na próxima quinta feira, pelas 22 horas.